

A PERCEPÇÃO DE DEPENDENTES QUÍMICOS EM FASE DE REABILITAÇÃO SOBRE O PÁTIO DA INSTITUIÇÃO: UMA AVERIGUAÇÃO SOBRE VEGETAÇÃO E ESPAÇOS ABERTOS

Mariana Moura Bagnati (1); Beatriz Maria Fedrizzi (2)

(1) Arquiteta, Doutoranda do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura,
mariana.bagnati@yahoo.com.br

(2) Dra., Orientadora e Professora do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura,
beatrizfedrizzi@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Porto Alegre - RS, 90050-170, Tel.: (51) 3308-3485

RESUMO

Este artigo trata de uma parte relevante para a elaboração do projeto de tese da autora, intitulado provisoriamente como “Jardim de Cura: um Recurso para Espaços Abertos de Instituições Especializadas na Reabilitação de Dependentes Químicos”, a vegetação. A vegetação é investigada neste artigo através de um questionário em um estudo de caso: o pátio de uma clínica de reabilitação de dependentes químicos. Averigua-se como os pacientes em processo de restabelecimento percebem e utilizam o espaço aberto da instituição, o que pensam sobre a vegetação existente no local. Com a finalidade de contribuir com a investigação de espaços abertos de instituições especializadas na reabilitação de indivíduos com toxicod dependência, a pesquisa é baseada, principalmente, no levantamento de dados por amostragem. Como principal resultado tem-se a subutilização do pátio da instituição, culminando o trabalho na sugestão de implementação de um jardim de cura com o intuito de apoiar o processo de reabilitação tradicional.

Palavras-chave: dependência química, percepção ambiental, pátio.

ABSTRACT

This article treats about a relevant part to elaborate the author’s thesis proposition, entitled provisionally as “Healing Garden: a Resource for Open Spaces of Specialized Institutions in Rehabilitation of Chemical Dependents”, the vegetation. The vegetation is investigated in this article through a questionnaire in a case study: the courtyard of a rehab for chemical dependents. Enquire the way the patients in rehabilitation process perceive and use the institution’s open space, what they think about the vegetation that exists on site. With the purpose of contributing to the investigation of open spaces of institutions specialized in rehabilitation of drug addicts, the research is mainly based on sampling data. The main result is the underutilization of the institution’s courtyard, culminating the research in the suggestion of implementing the healing garden in order to support the traditional rehabilitation process.

Keywords: chemical dependency, environmental perception, courtyard.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo abarca um tema instigante no âmbito do estudo sobre espaços abertos, a percepção que se tem sobre esses espaços a partir da ótica do usuário do meio. O pátio de instituições que visam o restabelecimento da saúde do indivíduo muitas vezes é concebido e utilizado apenas como local de passagem, ou para ser usado enquanto se espera por atendimento, ou para interação entre pacientes, com pouco aproveitamento do potencial terapêutico que possui.

O artigo é um trabalho de conclusão da disciplina de Paisagismo, que faz parte do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ministrada pela professora Dra. Beatriz Fedrizzi.

A proposta apresentada aos alunos da disciplina era de que fosse elaborado um questionário a ser aplicado em um grupo de pessoas para averiguar um tema pertinente à pesquisa de cada um, e, a partir de então, produzir o artigo.

O projeto de tese da autora desta resenha é provisoriamente intitulado como “Jardim de Cura: um Recurso para Espaços Abertos de Instituições Especializadas na Reabilitação de Dependentes Químicos”. A pesquisa envolve a conveniência e a elaboração de um jardim de cura voltado para o público-alvo formado por dependentes químicos em fase de reabilitação. Para tanto, relacionando o trabalho da disciplina e o projeto de tese da autora, este artigo investiga a presença de vegetação no pátio de uma clínica especializada na área, e como ela é vista por seus usuários.

2. OBJETIVOS

São objetivos deste artigo:

- 1) Averiguar o nível de satisfação dos pacientes com a vegetação existente no pátio da instituição;
- 2) Verificar a satisfação dos pacientes na relação que mantêm com o espaço aberto (o pátio) da instituição;
- 3) Contribuir para a investigação de espaços abertos dedicados à reabilitação de indivíduos que padecem com a dependência química, de modo a apoiar o tratamento convencional através do aproveitamento do potencial do ambiente.

3. MÉTODO

O pesquisador Günther (2008) comenta a existência de três meios pelos quais é possível compreender o comportamento humano dentro das ciências sociais empíricas:

- 1) através da observação do ser humano no ambiente real;
- 2) criando-se situações artificiais e observando o ser humano nessas condições criadas;
- 3) indagando sobre o que o respondente pensa e faz.

O terceiro método é conhecido como *survey*, ou levantamento de dados por amostragem (GÜNTHER, 2008). Ele pode ser feito tanto através de entrevista pessoal, como por telefone. Ainda, há a possibilidade de ser auto-aplicável, como é o caso de consultas feitas pelo correio, por exemplo.

A metodologia de pesquisa escolhida para esta investigação é, portanto, por meio de aplicação de um questionário através de entrevista pessoal. Para averiguar a percepção que os pacientes têm sobre o pátio da clínica de recuperação de dependentes químicos foi elaborado e aplicado um questionário a partir do qual são delimitadas as suas posições quanto o ambiente. Fink e Kosekoff (1985) destacam a função da técnica ao afirmar ser um “método para coletar informação de pessoas acerca de suas ideias, sentimentos, planos, crenças, bem como origem social, educacional e financeira.”

Sobre o questionário

Tendo em vista o uso do método *survey*, Günther (2008) destaca a importância de dois termos para elaborar um questionário: conceito e população-alvo. Na prática, “conceito” está ligado ao “item” (conteúdo das perguntas) e “população” está vinculada à “amostra” obtida.

O esquema da Figura 1, apresentado por Schuman e Kalton (1985), explica o método aplicado. Os “objetivos” da investigação apontam os “conceitos” a serem trabalhados, e as perguntas a serem feitas. O “Item” e a “amostra” pertencem à parcela prática das sentenças abstratas “conceito” e “população”. Contudo, em seu prosseguimento devem ser trabalhados em paralelo. Günther (2008) esclarece que “ao determinar os itens em função dos conceitos subjacentes há que se levar em conta o binômio população-alvo – amostra, da mesma maneira que a determinação da amostra a partir de uma população-alvo exige consideração do binômio conceito-item.” Considerando os propósitos deste artigo, o questionário é instrumento de investigação sobre a relação entre os pacientes, espaço aberto (ou pátio), e a vegetação existente.

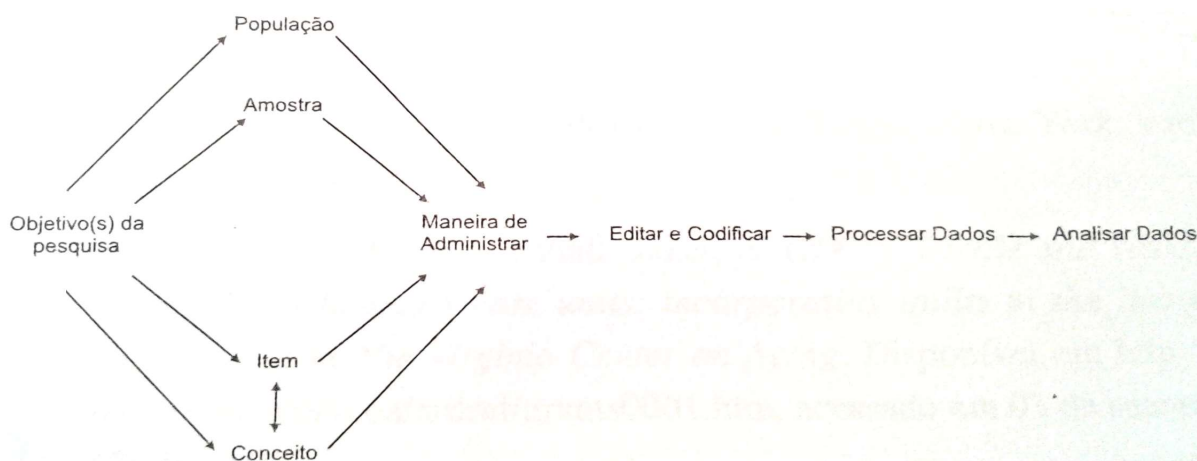


Figura 1 – Principais estágios de um *survey* (SCHUMAN; KALTON, 1985).

Conceito: explorar a relação mantida entre dependentes químicos em fase de reabilitação, e o espaço aberto existente na instituição, no caso um pátio, avaliando a vegetação presente.

População alvo: dependentes químicos em fase de reabilitação.

As perguntas formuladas e aplicadas são as seguintes:

- 1) O que você mais gosta no pátio da clínica?
- 2) O que você menos gosta no pátio da clínica?
- 3) O que você mudaria no pátio da clínica?
- 4) O que você acha de ver plantas no pátio da clínica?
- 5) Você gostaria de plantar/cultivar plantas no pátio da clínica?
- 6) Você acha que isso ajudaria no seu tratamento? Se sim, em que?

Fowler (1998) aponta o valor em elaborar perguntas que sejam claras, curtas e de fácil apreensão para o respondente, gerando respostas confiáveis e úteis. Observando-se que o público atendido pela clínica varia em termos de idade e de escolaridade, a clareza e simplicidade das questões se faz fundamental.

A instituição

A instituição escolhida para desenvolver esta pesquisa é uma clínica especializada em saúde mental com foco no tratamento de dependentes químicos. A entidade encontra-se situada no bairro Sumaré, na cidade de Alvorada.

No local é possível contar com serviço ambulatorial e de internação. A equipe profissional que assiste os pacientes é multidisciplinar, abrangendo psiquiatra, enfermeiro, técnico em enfermagem, nutricionista e educador físico. São ofertados 30 leitos, masculino e feminino.

A entidade aceita receber os pacientes através dos três tipos de internação: voluntária (que parte da vontade do enfermo), involuntária (em que, apesar de ser contra a vontade do enfermo, um familiar solicita a internação), e compulsória (por determinação da justiça). Ademais, é um local que atende em sua totalidade dentro do Sistema Único de Saúde (SUS), tendo convênio com as prefeituras dos municípios de Gravataí e de São Leopoldo, por exemplo.

4. APLICANDO OS QUESTIONÁRIOS: PRINCIPAIS RESULTADOS

O questionário foi aplicado em entrevista pessoal no dia 26/09/2016, durante o turno da tarde. Apesar da clínica atender os gêneros masculino e feminino, a autora optou por aplicar o questionário apenas nos pacientes do sexo masculino porque são aqueles que têm mais acesso ao pátio, apenas interrompido para o uso do grupo feminino e para o uso dos adolescentes.

Neste dia, havia nove adultos e três adolescentes do gênero masculino internados. Contudo, disponíveis para responder às perguntas contavam três adultos e três adolescentes, os demais pacientes estavam dormindo.

Seguem abaixo as perguntas feitas e as respostas obtidas:

- O que você mais gosta no pátio da clínica?

Dois pacientes responderam que não gostavam de nada, e quatro pacientes destacaram gostar mais da mesa de ping-pong.

- O que você menos gosta no pátio da clínica?

Três pacientes declararam não ter nada que desgostem no ambiente do pátio. Um respondeu desgostar de tudo. E outros dois comentaram que as grades são os elementos que menos gostam.

- O que você mudaria no pátio da clínica?

Três pacientes afirmaram sentir necessidade de uma mesa de sinuca. Um adolescente mencionou desejar uma cama elástica disponível. Outro citou a necessidade de uma oficina de artesanato. E, por último, um paciente comentou que desejava qualquer coisa que fizesse o tempo passar mais depressa.

- O que você acha de ver plantas no pátio da clínica?

Três pacientes afirmaram estar satisfeitos, e os outros três estão insatisfeitos com a vegetação existente no local.

- Você gostaria de plantar/cultivar plantas no pátio da clínica?

Quatro pacientes revelaram desejo em plantar/cultivar plantas no local, e dois disseram que não gostariam.

- Você acha que isso ajudaria no seu tratamento? Se sim, em que?

Todos responderam que sim, plantar/cultivar plantas ajudaria no tratamento.

O questionário foi aplicado no próprio pátio da clínica, sob a supervisão de um técnico em enfermagem. As perguntas foram apresentadas à enfermeira da instituição antes de serem feitas aos pacientes. E, para maior confiabilidade das respostas obtidas, fui apresentada aos respondentes como pesquisadora, e não como arquiteta, visto que poderia influenciar a resposta. Ainda, a minha ligação com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul foi salientada para que houvesse a compreensão de que poderiam realmente manifestar suas ideias sem medo de retaliação.

5. DISCUSSÃO

No dia em que foi feita a entrevista com os pacientes, ao adentrar o pátio da instituição, a primeira coisa percebida foi a grande quantidade de funcionários da clínica utilizando o espaço do pátio e a ausência de pacientes, a quem o pátio também é destinado e que, nesse período de internação, tem somente este ambiente como meio de contato físico com o exterior. O técnico em enfermagem que acompanhava disse que os pacientes estavam dormindo naquele momento. A informação soou estranha porque se tratava do meio de uma tarde de sol, sendo uma oportunidade para desenvolvimento de atividades.

Assim, enquanto a chegada do primeiro respondente era aguardada, foi observado o entorno na tentativa de procurar atrativos existentes que pudessem tornar o espaço uma opção mais interessante que dormir. O pátio continha apenas uma mesa de ping-pong e uma televisão.

Então, pensando no intuito deste trabalho, examinou-se a existência de elementos naturais neste pátio - tal como vegetação, animais, dentre outros - com os quais o indivíduo em reabilitação pudesse manter contato durante o tratamento. Sobre o espaço físico do pátio foram constatadas as seguintes condições:

- A vegetação existente é bem escassa, pouco valorizada, está restrita a uma pequena floreira, alguns vasos dispersos, e uma árvore baixa mais próxima do fundo do lote;
- Ausência de materiais naturais que fiquem expostos na construção, feita por tijolo rebocado e pintado na cor branca;
- O piso também é em pedra assentada sobre cimento, sem superfície gramada.

Sobre as entrevistas algumas afirmações feitas pelos respondentes foram bastante reveladoras sobre o que pensam a respeito do pátio. Um deles, por exemplo, citou que no local não há atrativos, apenas mesa de ping-pong e que, portanto, é obrigado a jogar. Outro afirmou não ter nada para fazer, e revelou o desejo de ter mais opções de atividades. Outra importante ponderação foi revelar a necessidade de “algo que fizesse o tempo passar mais rápido.” Tais declarações explicam a preferência do paciente em dormir ao invés de frequentar o espaço aberto, salientando a insatisfação com o ambiente, e o pouco aproveitamento das potencialidades que o pátio pode oferecer ao processo do tratamento.

Ainda, foram feitas revelações significativas sobre a vegetação local existente, declarando a insatisfação dos pacientes:

“Tinha que ter muita planta, e viva. Não mudou nada de um ano para cá.”

(As plantas) ... “Podiam estar num lugar que pegassem mais sol.”

Ao questionar se haveria interesse por parte dos pacientes em plantar/cultivar plantas, um respondente afirmou a necessidade de aumentar o espaço de área vegetada, apresentando uma solução por meio da utilização de uma área de estacionamento dos fundos do lote, hoje usada apenas para os funcionários.

E, quando perguntados se acreditavam na possibilidade do cultivo de plantas dar suporte ao processo de reabilitação, houve o comentário em que um respondente revelou já ter tido essa experiência em outra

instituição, aplicando na parede pneus usados como vasos para plantas, arrematando: “Deu vida para o concreto.”

Dois pacientes comentaram apreço pela equipe. Tal fato foi percebido na visita, os profissionais são presença constante e demonstram carinho e apoio aos pacientes.

Vê-se, assim, que há uma subutilização do espaço aberto da instituição e que este não foi concebido para a função que exerce, fala-se do principal ambiente que conecta os pacientes com o exterior, com o mundo fora do ambiente institucional para o qual retornarão em breve assim que forem considerados aptos para tal. Além do pátio oferecer poucos atrativos para instigar a permanência de usuários nesse meio, é um local pouco amigável, com vegetação escassa, quase inexistente, limitando-se a uma floreira.

Apesar da metodologia principal deste trabalho ser a aplicação de questionário, e a extração de informações a partir do seu emprego direto com os pacientes da instituição, a visita feita à instituição permitiu a observação de algumas questões sobre o ambiente averiguado. O pátio, além de pouca vegetação, tem como revestimentos de piso uma variação de basalto irregular e cerâmica, enquanto as superfícies verticais são simplesmente de alvenaria rebocadas e pintadas de branco. Não há a exploração de diferentes texturas que poderiam fazer do pátio um local mais acolhedor, tal como o emprego de superfícies gramadas, com seixos ou terra. Na planta baixa esquemática apresentada na Figura 2 está representado o espaço aberto de uso dos pacientes no pavimento térreo e em averiguação neste artigo.

Ainda que se saiba do zelo que se deve ter com a segurança do paciente e que as possíveis fugas devem ser evitadas, observou-se uma preocupação exacerbada com a evasão. O gradil estava presente não apenas como complemento do muro nas superfícies verticais, mas também como fechamento superior do espaço aberto. Tal limitação física além da evidente e desejada limitação de liberdade, é mais uma barreira que reduz o contato entre os pacientes e o mundo externo.

É importante considerar que as pesquisas que envolvem seres humanos a partir dos quais são extraídos dados, seja por testes com materiais biológicos ou por meio de informações obtidas, devem ter o aval de Comitê de Ética que regulariza esse tipo de averiguação. Trata-se de uma maneira de proteger e respeitar o indivíduo, além de prestar assistência aos pesquisadores.

O espaço aberto da instituição pode ser altamente atrativo para o usuário, oportunizando-se lazer, cultura, descanso, dentre outros. O jardim de cura é uma possibilidade viável e pertinente para meios como este, através da exploração dos potenciais do espaço aberto da instituição e do suporte oferecido ao tratamento convencional do dependente químico em reabilitação.

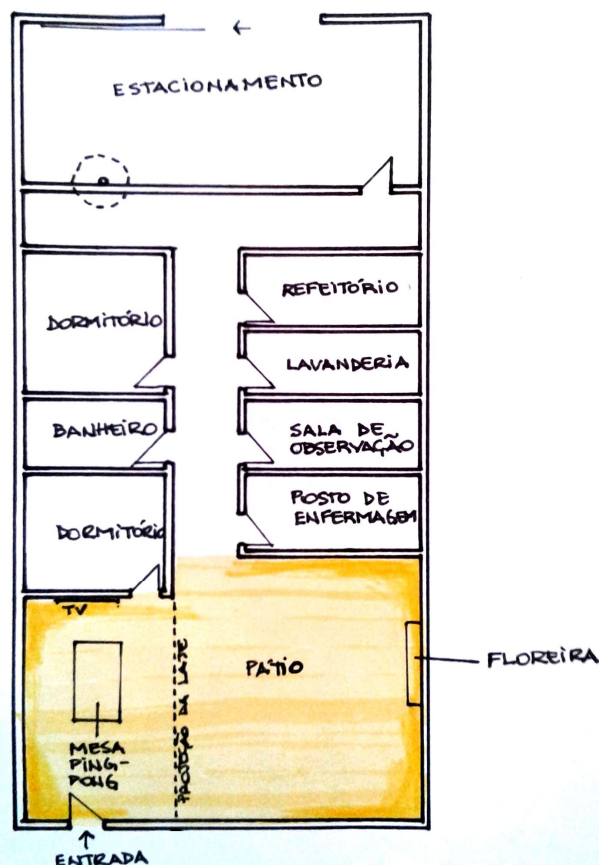


Figura 2 – Planta baixa da área do térreo em que os pacientes têm acesso.

6. JARDIM DE CURA: O QUE É

Pálsdóttir (2014) comenta em sua tese a relação entre natureza, saúde e bem-estar do ser humano (MITCHEL e POPHAM, 2008; HARTIG et al., 2014). O jardim de cura é um jardim-conceito que vem sendo empregado por estudiosos da Suécia e dos Estados Unidos, principalmente, o chamado “*Healing Garden*”. É um jardim projetado para um público específico com a função de dar suporte no tratamento de alguma patologia.

Stigsdotter e Grahn (2003) definem um jardim de cura como sendo aquele que deve influenciar positivamente, e de diferentes maneiras, aquele que usufrui do espaço (COOPER MARCUS e BARNES, 1999).

Na Suécia e Dinamarca, por exemplo, foram projetados e executados dois conhecidos exemplares: *Alnarp Rehabilitation Garden* (STIGSDOTTER e GRAHN, 2003) e *Nacardia Healing Forest Garden* (CORAZON, 2012). Ambos foram concebidos tendo em vista o público-alvo de pessoas que padeciam de males relacionados ao estresse, por exemplo, síndrome do pânico, depressão, entre outros. O sucesso dos resultados foi comprovado através de entrevistas realizadas com os usuários do espaço e por meio de verificação dos níveis do hormônio cortisol presente na saliva dos pacientes em contato com o jardim.

7. CONCLUSÕES

A experiência de aplicar o questionário foi bastante reveladora. Tanto a visita à instituição, como as respostas recebidas dos pacientes corroboram para algumas questões:

- O pátio da instituição visitada não foi concebido para o público que atende, no caso, dependentes químicos em fase de reabilitação;
- O pátio da instituição é subutilizado pelos pacientes;
- Faltam atrativos para este espaço aberto, elementos que proporcionem lazer e solicitem, em diferentes níveis, a atenção dos pacientes;
- Neste pátio também não há a valorização da vegetação como agente de bem-estar, não há o aproveitamento do espaço externo para dar o suporte ao processo do tratamento.

Sobre a existência de atrativos no pátio da clínica, 1/3 dos pacientes revelou não gostar do pátio, e todos os respondentes desejariam trazer mais entretenimento ao pátio, salientando que o objetivo é de preencher o tempo ocioso.

Sobre a vegetação, 67% dos pacientes afirmaram que gostariam de cultivar plantas no pátio, enquanto todos consideram que o cultivo de plantas poderia ajudar no processo do tratamento para a reabilitação em dependência química.

Assim, ao considerar a subutilização do espaço aberto da instituição, e com o intuito de auxiliar e potencializar o método tradicional de tratamento que combate a dependência química, sugere-se a implementação de um jardim de cura, voltado para o público-alvo de dependentes químicos em fase de reabilitação, na área ao fundo do lote, onde hoje funciona o estacionamento dos funcionários e que está representado na Figura 3.

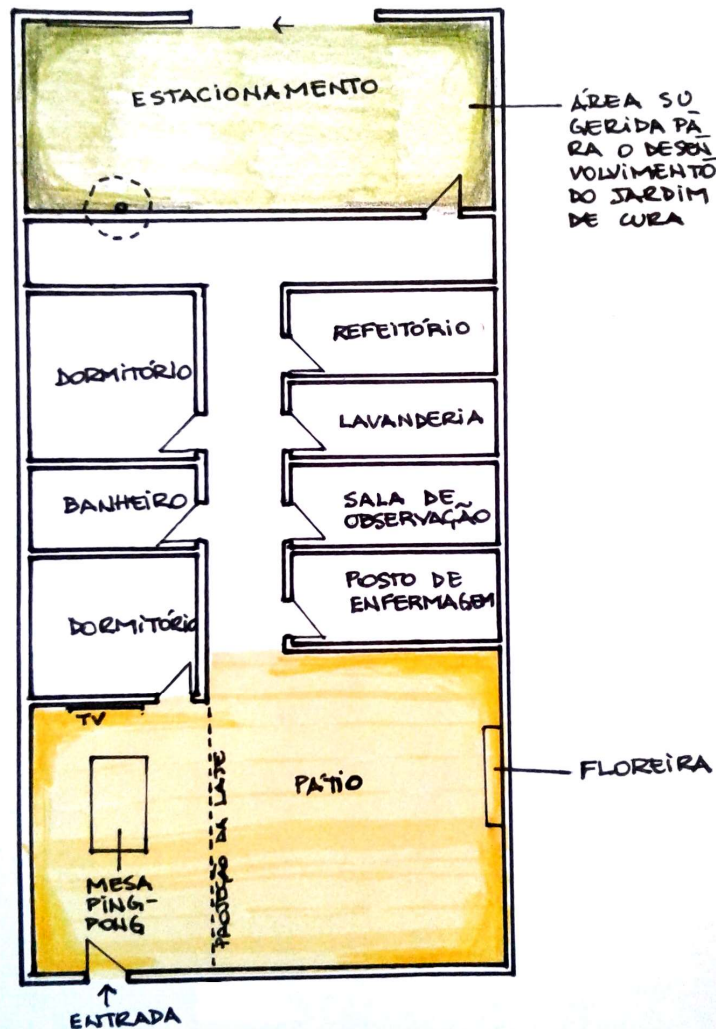


Figura 3 – Planta baixa da área do térreo com indicação de local para implantação do jardim de cura.

O espaço aberto da instituição dedicada ao toxicodependente em fase de reabilitação é um potencial pouco explorado. Este artigo, bem como o projeto de tese desenvolvido pela autora, intenta enfatizar essa situação e investigar esse meio através do olhar do seu usuário. Vê-se no pátio a oportunidade de pesquisar os potenciais do espaço aberto da instituição e colocá-los à disposição do paciente, reconhecendo no pátio e na vegetação instrumentos que oportunizam bem-estar ao indivíduo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COOPER MARCUS, Clare; BARNES, M. (Eds.). *Healing Gardens Therapeutic Benefits and design recommendations*. Nova Iorque: John Wiley & Sons, 1999.
- CORAZON, S.S. *Stress, Nature & Therapy*. Forest & Landscape Research, 49. Forest & Landscape Denmark, Frederiksberg, 2012.
- FINK, A.; KOSEKOFF, J. *How to conduct surveys: A step-by-step guide*. Beverly Hills: Sage, 1985.
- FOWLER, F. *Design and evaluation of survey questions*. In: L. Bickman & D. J. Rog (Orgs), *Handbook of applied social research methods* (pp. 343-374). Thousand Oaks, California: Sage, 1998.
- Günther, H. Como elaborar um questionário. In: GÜNTHER, H.; PINHEIRO, J. Q. *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008, pp. 105-148.
- HARTIG, T.; MITCHEL, R.; de VRIES, S.; & FRUMKIN, H. *Nature and Health*. The Annual Review of Public Health. <http://publhealth.annualreviews.org> (acessado em novembro de 2016). DOI: 10.1146/annurev-publhealth-032013-182443.
- MITCHEL, R.; POPHAM, F. *Effect of exposure to natural environment on health inequalities: an observational population study*. The Lancet 372: pp. 1655-1660, 2008.
- PÁLSDÓTTIR, Anna Maria. *The Role of Nature in Rehabilitation for Individuals with Stress-related Mental Disorders: Alnarp Rehabilitation Garden as Supportive Environment*. Doctoral thesis, Swedish University of Agricultural Sciences, 2014.
- SCHUMAN, H.; KALTON, G. *Survey methods*. In G. Lindzey & E. Aronson (Orgs.), *Handbook of social psychology*, (3rd ed., Vol 1, pp. 635-697). New York: Random House.
- STIGSDOTTER, Ulrika; GRAHN, Patrik. *Experiencing a Garden: a Healing Garden for People Suffering from Burnout Diseases*. *Journal of Therapeutic Horticulture*, XIV, p. 38-48, 2003.